

EXALTAÇÃO MITIFICADORA DE PERSONAGENS HISTÓRICAS EM PERIÓDICOS LITERÁRIOS SUL-RIO- GRANDENSES DO SÉCULO XIX

MAURO NICOLA PÓVOAS*

RESUMO: Estudo da representação de figuras históricas internacionais e nacionais na poesia de três periódicos do Rio Grande do Sul do século XIX: *O Guaíba*, *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* e *Corimbo*. Em geral, observa-se o elogio das personalidades presentes nos poemas, o que evidencia a intenção glorificadora, caminho comumente trilhado pela literatura da época.

PALAVRAS-CHAVE: periódicos literários; literatura do Rio Grande do Sul; personalidades históricas.

ABSTRACT: A study of the representation of international and national historic figures on the poetry of three journals from Rio Grande do Sul in the 19th century: *O Guaíba*, *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* and *Corimbo*. Generally, we can observe the compliment of the present authorities in the poems, which shows the glorifying intention, a commonly trodden path by the literature of the time.

KEYWORDS: literary journals; literature from Rio Grande do Sul; personalities

Tendo em vista poemas publicados em três periódicos sul-rio-grandenses do século XIX – *O Guaíba*, *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário* e *Corimbo* –, é intenção do presente artigo pensar a relação entre literatura e história; especificamente, aqui, pretende-se ver como se dá a apropriação e a reconstrução,

* Professor da FURG. Doutor em Letras pela PUCRS.

desde um ponto de vista literário, de um elenco de personalidades históricas, brasileiras e estrangeiras. Entre estes, são mencionados políticos e militares, tais como Napoleão Bonaparte, Tiradentes, Veiga Cabral, Gumercindo Saraiva, Barão do Triunfo, Conde de Porto Alegre e Marquês do Herval, entre outros, sendo que muitos deles eram gaúchos ou no Rio Grande do Sul lutaram. O aproveitamento de personagens históricas como matéria literária demonstra a circunstancialidade que, muitas vezes, movia a pauta dos periódicos, que aproveitavam a data da morte ou a proximidade de uma comemoração para preencher as suas páginas com assuntos de interesse do leitor.

As personalidades trabalhadas vão das muito conhecidas (Napoleão, Tiradentes) até outras que hoje são pouco lembradas (Gaspar Barreto, Genuíno Olímpio de Sampaio). Também os autores dos textos estão colocados entre os entronizados no cânone brasileiro ou sul-rio-grandense (Bernardo Guimarães, Damasceno Vieira) e aqueles que hoje pouco tem pouco reconhecimento por parte de público e crítica (Zamira Lisboa, Francisco Antunes Ferreira da Luz).

Publicado em *O Guaíba*, o poema “Lágrimas de Napoleão”¹ estrutura-se em vinte estrofes de seis versos heptassílabos. Na composição, o eu-lírico conversa com uma “mimosa flor”, perguntando a ela:

Mimosa flor, tu não sentes
Quando a brisa te suspira
Um eco triste que fala
Como um gigante que expira?
Silêncio, flor! – É o gênio
Que pela pátria delira!

Para o sujeito poético, Napoleão² pode ter morrido

1 MIRANDA, Pedro Antônio de. Lágrimas de Napoleão. *O Guaíba*, Porto Alegre, ano 2, n. 10, p. 75-76, 8 mar. 1857.

2 Napoleão Bonaparte nasceu a 15 de agosto de 1769, em Ajácio, na Córsega, ilha francesa, e faleceu a 5 de maio de 1821, na ilha de Santa Helena. Autointitulado Napoleão I, foi o imperador da França de 1804 a 1814, ano em que abdicou do trono, sendo deportado para a ilha de Elba. De lá escapa em 1815, reinstaurando o trono ao longo de

fisicamente, mas a sua presença perdura na memória de todos aqueles que admiram o estilo absolutista e centralizador de governo por ele iniciado na França. Ao reverenciar a dinastia napoleônica como um exemplo que não deve ser esquecido, o poema coloca-se como partidário do *status quo*, posicionando-se como antirrepublicano:

Napoleão! Que solene
Nos lábios vibra esse nome!
Não morreu, não; educado
Na guerra aos sóis; seu renome,
O Amazonas respeita
A Europa não, não consome!

Outra personagem histórica, agora brasileira, a apresentar-se nas páginas das revistas é Tiradentes³, em três poemas publicados em abril, no *Corimbo*, sabidamente o mês em que se deu o falecimento do “Mártir da Independência” – 21 de abril de 1792. O primeiro, de Julieta de Melo Monteiro, ao comentar passagens da vida de Tiradentes, deixa vislumbrar um apoio tácito à República, em 1887 prestes a eclodir:

Sonhou a liberdade aos sons festivos
Dos hinos triunfais e delirantes,
Que despertam os míseros cativos
P’ra mostrar-lhes veredas deslumbrantes!⁴

cem dias desse ano: de 20 de março a 22 de junho. Após a derrota na Batalha de Waterloo, uma segunda abdicação e o exílio na ilha de Santa Helena, onde vem a morrer. O Guaíba apresentou, ao longo de vários números de 1858, uma biografia de Napoleão III, sobrinho de Napoleão Bonaparte, por Hipólito Castilho. Napoleão III era, à época, o imperador dos franceses. Seu reinado perdurou até 1870.

3 O Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (apelido lhe dado pela habilidade que possuía para a extração, a confecção e a colocação de dentes), nasceu na Fazenda do Pombal, em São João del Rei/MG (hoje Tiradentes), em 1746 (sabe-se apenas a data de seu batizado: 12 de novembro), e morreu enforcado a 21 de abril de 1792, no Largo da Lampadosa, no Rio de Janeiro/RJ, após ser o único condenado à pena de morte em processo contra os inconfidentes, que tinham sido delatados por Joaquim Silvério dos Reis, em março de 1789.

4 MONTEIRO, Julieta de Melo. Tiradentes. *Corimbo*, Rio Grande, ano 2, n. 21, p. 4, abr. 1887. Conforme se lê em indicação ao final, o texto foi escrito em “21-4-87”.

O segundo, de Aldina Correia, faz uma profissão de fé ao, em 1890, recém-proclamado regime:

Ante a luz que ele dimana
Ofuscam-se altos brasões!
E a monarquia tirana
Cai por terra entre baldões.⁵

Bernardo Guimarães assina o terceiro, que canta a busca pela independência do Brasil empreendida pelo homenageado. Faz referência, ainda, ao modo como o alferes encontrou a morte, esquartejado e tendo os pedaços espalhados por árvores e postes:

A tua cabeça histórica
Sobre vil poste hasteada,
Liberdade, independência
Até hoje inda nos brada.⁶

“A Veiga Cabral”⁷, de Alvarins, resgata o nome que dá título ao poema, figura representativa da região Norte do País. De 1893 a 1895, tendo como causa principal a descoberta de ouro, os ânimos acirraram-se na fronteira entre o hoje Estado brasileiro do Amapá e a Guiana Francesa, inclusive com a invasão do território nacional pelos franceses, dando origem ao chamado “Contestado Franco-Brasileiro”. Quem administrou a retirada dos intrusos foi o paraense Francisco Xavier da Veiga Cabral (conhecido pelo diminutivo Cabralzinho)⁸, que, com o feito, sagrou-se “Herói do Amapá” e “General Honorário do Exército Brasileiro”. O poema elogioso a Cabral aproveita para discutir a relação conflagrada entre o novo, o Brasil, e o velho, a Europa, com o primeiro não devendo se render ao segundo:

5 CORREIA, Aldina. Tiradentes. *Corimbo*, Rio Grande, ano 6, n. 33, p. 1, 21 abr. 1890.

6 GUIMARÃES, Bernardo. Hino a Tiradentes. *Corimbo*, Rio Grande, ano 9, n. 129, p. 1, 23 abr. 1893.

7 ALVARINS. A Veiga Cabral. *Corimbo*, Rio Grande, ano 13, n. 5, p. 2, 5 abr. 1896.

8 Nasceu a 5 de maio de 1861, em Belém/PA, e faleceu a 18 de maio de 1905, também em Belém. Depois de um tempo vivendo nos Estados Unidos, volta ao Brasil, logo envolvendo-se na disputa com a Guiana Francesa.

Não cederemos ao tentame inglório
Da velha Europa – a terra das riquezas
“Nem um calhau das nossas fortalezas
“Nem um palmo do nosso território”.

Vencendo das nações as asperezas
Há de o Brasil – o vencedor marmóreo,
Ser um dia talvez o grande empório
Das artes, do comércio e das grandezas.

Saudemos pois o herói que entre bombardas
Soube guardar, leitor, como tu guardas,
O céu que o viu amar, que o viu nascer,

E que heroico mostrou ao mundo inteiro
Que o peito varonil de um brasileiro
Não sabe recuar, sabe vencer!...

Não tão cercado de unanimidade foi o Coronel Sampaio⁹, lembrado em “À memória do Coronel Genuíno Olímpio de Sampaio”¹⁰, de Damasceno Vieira, composição envolta em confusão desde o momento em que se deu a sua publicação na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. No 11º sarau poético-musical do Partenon, em 25 de julho de 1874, em meio a récitas, palestras e apresentações artísticas, Vieira fez a leitura de seu poema. Houve protestos contra o Partenon, por parte de um grupo de pessoas, reclamando que os versos iam de encontro aos

9 Coronel Genuíno Olímpio de Sampaio nasceu em 1822, na Bahia, e faleceu a 20 de julho de 1874, em Sapiranga/RS. Combatente na Guerra dos Farrapos e herói da Guerra do Paraguai, com o começo do episódio dos mucker foi destacado como comandante das forças do governo imperial enviadas para acabar com o grupo. A partir de 28 de junho de 1874, as tropas de Sampaio empreenderam diversos ataques à propriedade do casal João e Jacobina Maurer, líderes da insurreição, no morro do Ferrabrás, conseguindo uma vitória importante no dia 19 de julho; porém, no dia seguinte, 20 de julho, o coronel foi alvejado em uma artéria da coxa após um tiroteio. Devido à falta de assistência médica, que se deslocava para São Leopoldo, com os feridos de uma batalha que tinha ocorrido anteriormente, Olímpio de Sampaio veio a falecer logo depois. Somente em 2 de agosto, sob a liderança do Capitão Francisco Clementino Santiago Dantas, os mucker foram sufocados, sendo seus líderes principias mortos.

10 VIEIRA, Damasceno. À memória do Coronel Genuíno Olímpio de Sampaio. *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, Porto Alegre, 2ª série, ano 3, n. 7, p. 40-41, jul. 1874.

alemães radicados na Província sulina. Devido ao grande rumor que se formou, a sociedade partenonista instituiu uma comissão composta por três associados – José Bernardino dos Santos, Aquiles Porto Alegre e Vasco de Araújo e Silva –, encarregada de escrever um texto, eximindo Damasceno Vieira da culpa ou não.

O “Parecer”, datado de 29 de julho de 1874, defende a publicação de “À memória...” e aponta que na composição não há “o ataque, que enxergou a malevolência, contra a respeitável e honrada colônia alemã”, mas sim a denúncia dos *mucker*¹¹, “infame seita de que são chefes Klein, Maurer e sua hedionda esposa e cúmplice Jacobina”. Os pareceristas exaram ainda a opinião de que atacar a colônia alemã mancharia o estatuto e os princípios do grêmio porto-alegrense, sempre a favor da liberdade de expressão. Dito isso, publica-se o poema, para demonstrar o exposto¹².

A composição claramente mostra-se a favor do militar, que morreu em conflito gerado a partir do episódio dos *mucker*, cujos integrantes são vistos negativamente por Damasceno Vieira. A chamada “revolta dos *mucker*”, que teve seu auge em 1874, foi o resultado de uma soma de fatores relacionados aos habitantes de uma colônia alemã situada no morro do Ferrabrás (atualmente localizado no município de Sapiranga, no Rio Grande do Sul), que eram liderados pelo casal João Jorge e Jacobina Maurer. Eles pregavam a autonomia da colônia nos setores financeiro, administrativo, escolar e religioso, gerando o descontentamento e a reação de comerciantes, do governo imperial e das igrejas Católica e Luterana.

O poema respalda o discurso oficial, não aceitando as alterações no sistema vigente propostas pelas ideias dos *mucker*, que são acusados de insanos. O grupo é atacado violentamente, em especial um dos seus líderes, provavelmente João Jorge Klein, alemão imigrado para o Brasil e considerado um dos mentores

11 Termo da língua alemã, usado pejorativamente, e que significa “santarrões pouco confiáveis”; “pessoas fanáticas”; “imitação de zumbido”.

12 Sobre a confusão, ver a edição de julho de 1874 da *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, em especial as páginas 38-39, onde consta o “Parecer”, e a página 46, da “Crônica”, em que Aquiles Porto Alegre faz rápido comentário sobre o sarau e a declamação de Damasceno Vieira.

intelectuais do movimento; pelo contexto do poema, excluem-se João Jorge e Jacobina Maurer, pois ambos, filhos de colonos alemães, nasceram já no Brasil:

Ó, vasto oceano! Por que a nós trouxeste
O vil apóst'lo dessa crença imunda?
Por que das ondas na voragem funda
O não fizeste se abismar... Morrer?
Ele, o bandido, renegado em crenças,
Ah! Não viria nos manchar de sangue,
Nem de um valente sobre o corpo exangue
De nós escarnecer!

Interessante notar que o episódio dos *mucker*, que no século XX foi alvo de romances, peças de teatro, filmes e pesquisas históricas¹³, teve repercussão quase imediata na *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*. Passados cinco dias da morte do militar, Damasceno Vieira compôs “À memória do Coronel Genuíno Olímpio de Sampaio” na data do sarau, em 25 de julho de 1874, conforme se observa ao fim da última estrofe. O fato do imigrante alemão Carlos von Koseritz, membro do Partenon Literário, ser ferrenho combatente dos *mucker* indicia de onde provém a clara posição anti-*mucker* assumida pela agremiação.

Mas nem só personalidades mundiais ou brasileiras ganham as páginas periodistas. Vultos do Rio Grande do Sul destacam-se em composições laudatórias, às vezes no calor da hora da sua morte, como no poema de Francisco Antunes Ferreira da Luz para o Barão do Triunfo¹⁴:

13 Destacam-se: *Videiras de cristal*, de Luiz Antonio de Assis Brasil (romance); *Trilogia perversa – 1874*, de Ivo Bender (peça de teatro); *Os mucker*, de Wolf Gauer e Jorge Bodanski, e *A paixão de Jacobina*, de Fábio Barreto (filmes); *Os muckers – Episódio histórico ocorrido nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul*, de Ambrósio Schupp, *O episódio do Ferrabrás – Os mucker*, de Leopoldo Petry, e *A revolta dos mucker*, de Janaina Amado (livros históricos).

14 José Joaquim de Andrade Neves, o Barão do Triunfo, nasceu a 22 de janeiro de 1807, em Rio Pardo/RS, e morreu a dia 6 de janeiro de 1869, aos 52 anos, em Assunção, Paraguai decorrente de ferimentos contraídos durante um combate pela Guerra do Paraguai. Lutou na Revolução Farroupilha, ao lado dos legalistas. Bernardo Guimarães (1825-1884) escreveu uma poesia em homenagem ao Barão, “O Brigadeiro Andrade Neves, Barão do Triunfo – Ode”, do livro *Novas poesias*, de 1876. V. GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: INL, 1959. p. 231-234.

Morreu!... Mas como o sol que em seu ocaso
Espalhando no espaço a humilde sombra,
Os campos escurece e o vale alfombra
Do rórido rocio – de almo verdor,
Ao passo que nas grimpas de altas torres,
Pelo cimo dos montes que transvia,
A noite assoberbando – a luz do dia
Espadana fulgente de esplendor;

Tal o herói impávido e tranquilo,
No derradeiro instante de sua vida,
Por entre o extremo adeus da despedida,
Como o final lampejo do astro rei,
Ergue a fronte serena além da morte
E parece dizer: “É cedo ainda
“Nos céus irei gozar de vida infinda
“No mundo a glória sou – não morrerei!!!”¹⁵

Também o Conde de Porto Alegre¹⁶ tem a lembrança resguardada, após seu falecimento, em dois poemas intitulados “À memória do Conde de Porto Alegre”¹⁷, um de Múcio Teixeira (“Silêncio!... Dentro desse esquite augusto / As grandezas – resumem-se num busto, / Num átomo de pó!...”), outro de Damasceno Vieira, (“Descansa, lutador! Teus altos feitos / Vivem na história da brasília terra!”), publicados cerca de um mês após a morte do conde. Grande relevância é dada,

15 LUZ, Francisco Antunes Ferreira da. À memória do Barão do Triunfo. *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, Porto Alegre, 1ª série, ano 1, n. 4, p. 16-18, jun. 1869.

16 Tenente-General Manuel Marques de Sousa, o Conde de Porto Alegre, nasceu a 13 de junho de 1804, em Rio Grande/RS, e morreu a 18 de julho de 1875, no Rio de Janeiro/RJ, aos 71 anos. Era primo-irmão do também rio-grandino Almirante Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, patrono da Marinha do Brasil. Marques de Sousa participou militarmente, sempre defendendo o Império brasileiro, na Guerra da Cisplatina, na Revolução Farroupilha, na Guerra contra Rosas e na Guerra do Paraguai. Foi deputado pelo Rio Grande do Sul, em 1856, e ministro da Guerra do Império, em 1862. Caldre e Fião o biografou, em dois números do Partenon, em julho e em setembro de 1875.

17 TEIXEIRA, Múcio. À memória do Conde de Porto Alegre. *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, Porto Alegre, 2ª série, ano 4, n. 8, p. 85-87, ago. 1875; e VIEIRA, Damasceno. À memória do Conde de Porto Alegre. *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, Porto Alegre, 2ª série, ano 4, n. 8, p. 87-89, ago. 1875.

em ambas composições, à participação do militar nas campanhas do Exército brasileiro, destacando-se batalhas em Montevidéu, Moron, Monte Caseros e Tuiuti.

Em outro poema, “Ao Marquês do Herval”¹⁸, de Manuel José Gonçalves Júnior, o eu-lírico conversa com a “voz da fama”, demonstrando seu assombro com Osório¹⁹: “Não pode tanto arrojo ser humano!”. A “voz da fama” relata, então, o que viu nos campos de batalha, um horror “sublime”, em que a morte se apresentava em todo o lugar, na ponta dos canhões e das metralhas, às quais Osório enfrentava de peito aberto, montando seu cavalo e liderando as tropas brasileiras, provavelmente na Guerra do Paraguai. Após a fala da “voz da fama”, o sujeito poético retoma o controle do poema, comparando Osório aos “heróis de Homero” e garantindo que o seu nome será “aureolado pela glória” na história brasileira.

O Marquês do Herval volta a ser citado em 1897, momento em que sua morte já tinha ocorrido, com seu nome relacionado a vários qualitativos, no diálogo entre Pedrinho e sua tia expresso em “Lógica”²⁰, de Zamira do Amaral Lisboa, que quebra o padrão de sisudez que cerca, em geral, as publicações dos periódicos do século XIX, em um poema de feição ingênua. A conversa intenciona, também, marcar ideologicamente os maragatos como superiores a seus inimigos políticos, não citados, mas reconhecíveis pelo contexto, os pica-paus, facções que se digladiaram ao longo da Revolução Federalista, que convulsionou o Estado sulino de 1893 a 1895. Os maragatos, ou federalistas, eram liderados por Gaspar Silveira Martins e desejavam o parlamentarismo ou até a volta à Monarquia; os pica-paus, ou legalistas, republicanos e chefiados

18 GONÇALVES JÚNIOR, Manuel José. Ao Marquês do Herval. *Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário*, Porto Alegre, 2ª série, ano 1, n. 1, p. 37-38, jul. 1872.

19 Marechal Manuel Luís Osório, o Marquês do Herval, nasceu a 10 de maio de 1808, na Vila de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, atual município de Osório/RS, e morreu a 4 de outubro de 1879, no Rio de Janeiro/RJ, aos 71 anos de idade. Lutou na Guerra dos Farrapos, na campanha contra Rosas e na Guerra do Paraguai; por seu desempenho notável em várias batalhas, em especial nesta última, é considerado um herói militar brasileiro, sendo o patrono da Cavalaria do Exército Brasileiro.

20 LISBOA, Zamira do Amaral. Lógica. *Corimbo*, Rio Grande, ano 15, n. 80, p. 1, 24 out. 1897.

por Júlio de Castilhos, defendiam a recém-instituída República:

Eis que encontra no livro apreciado
O nobre vulto do Marquês do Herval.
Pedrinho quer saber, muito empenhado
Quem foi o glorioso general.

– Foi um herói de imorredoura fama,
Rio-grandense, valente, intemerato...
– Então, titia, o pequenito exclama,
Com certeza ele era maragato!

– Não querido, reflete, considera,
Há anos que ele ao mundo não pertence.
– Pois a tia não disse que ele era
Um grande herói, um bravo rio-grandense?!

Zamira Lisboa glorifica outro maragato, Gaspar Barreto²¹, em uma composição que leva o nome do militar. No poema, configura-se a láurea da personalidade de Barreto, marcada pela coragem e pelo heroísmo, destacando-se ainda a alusão ao ano do começo da Revolução Federalista, no último verso:

Ufana do ilustre filho
Que soube zelar seu brilho
Com tão subida altivez,

Conferiu-lhe a pátria história
O título de maior glória:
“Herói de noventa e três”²²

A Guerra Civil de 1893 também é a tônica do *Corimbo* de 9 de agosto de 1896, dedicado, em parte, ao general federalista

21 Tenente-coronel Gaspar Sérgio Luís Barreto teve papel ativo no comando de brigadas federalistas; não foram achados dados sobre data e local de seu nascimento e de sua morte.

22 LISBOA, Zamira do Amaral. Gaspar Barreto. *Corimbo*, Rio Grande, ano 14, n. 60, p. 1, 2 mar. 1897.

Gumercindo Saraiva²³. A edição traz um convite para a missa de segundo aniversário da morte de Saraiva, “grande e pranteado soldado de Liberdade”, a se realizar a 10 de agosto, na Igreja Matriz de Rio Grande, às 8h30min. Há ainda um artigo de Julieta de Melo Monteiro sobre Gumercindo e dois sonetos, “Gumercindo Saraiva”, de J. Pires Godói, e “Dez de agosto. À memória de Gumercindo Saraiva”, d’A Forasteira²⁴, ambos exaltando a figura do general, como exemplifica a estrofe inicial do segundo poema:

Ajoelha Brasil, do morto glorioso
Neste dia fatal a imagem grande passa;
Rodeiam-no canhões, bombardas e a fumaça
De onde ressurge ovante o vulto portentoso.

Como aconteceu com Gumercindo Saraiva, “Vinte e quatro de junho. À memória do inolvidável Almirante Saldanha da Gama”²⁵ é escrito como lembrança do aniversário da morte do homenageado²⁶. O poema de Carlota do Amaral Lisboa foi escrito, em estrofe única de oito versos, em 24 de junho de 1898,

23 Gumercindo Saraiva, conhecido como o “General da Liberdade”, formou uma dupla famosa com seu irmão Aparício, a qual participou de inúmeras batalhas no Rio Grande do Sul e no Uruguai. Primogênito de treze irmãos, nasceu a 13 de janeiro de 1853, no departamento de Trinta e Três, no Uruguai, mas foi batizado na Paróquia de Arroio Grande, hoje município de Jaguarão/RS, e faleceu a 10 de agosto de 1894, em consequência de ferimentos no braço e no peito, provenientes de tiros de uma emboscada, quando realizava um reconhecimento de terreno, na localidade de Carovi, região Norte do Rio Grande do Sul. Depois de morto, as tropas legalistas cortaram a cabeça de Gumercindo e a enviaram a Júlio de Castilhos, presidente do Estado. Vários livros abordam a vida do general, com destaque para o romance *A cabeça de Gumercindo Saraiva*, de Tabajara Ruas e Elmar Bones, de 1997.

24 GODÓI, J. Pires. Gumercindo Saraiva. *Corimbo*, Rio Grande, ano 13, n. 23, p. 1, 9 ago. 1896; e A FORASTEIRA. Dez de agosto. À memória de Gumercindo Saraiva. *Corimbo*, Rio Grande, ano 13, n. 23, p. 2, 9 ago. 1896.

25 LISBOA, Carlota do Amaral. Vinte e quatro de junho. À memória do inolvidável Almirante Saldanha da Gama. *Corimbo*, Rio Grande, ano 15, n. 100, p. 4, 1º out. 1898.

26 Almirante Luís Filipe Saldanha da Gama nasceu a 7 de abril de 1846, em Campos/RJ, e morreu a 24 de junho de 1895, em combate em campo de Osório/RS. Estudou no Colégio Pedro II e na Escola Naval, da qual posteriormente foi diretor. Participou de várias campanhas brasileiras: Cisplatina, Guerra do Paraguai, Revolta da Armada, Revolução Federalista, na qual se engajara em luta contra as forças governistas e republicanas.

dia em que recordavam os três anos do falecimento do militar pró-federalista:

Se no campo de batalha,
Pela pátria tão querida
Lutando, perdeste a vida
Cheia de alento, de amor;
Num assomo de heroísmo,
No suspiro derradeiro,
Deste, Gama, ao mundo inteiro
Exemplo de honra e valor!

Se os poemas laudatórios a eminentes figuras do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo são uma das vertentes básicas da produção literária dos periódicos do século XIX, cumpre ressaltar o outro lado da moeda. Nessa face, a irreverência envolvendo personalidades é uma das tônicas, embora com bem menos assiduidade, até porque o humor não era um viés muito explorado na literatura brasileira de então, mais afeita a relatos de corações partidos e a homenagens respeitosas.

N’*O Guaíba*, a brecha cômica na circunspecção do periódico ficava por conta da coluna “Revista”, em que *O Freguês*, pseudônimo de Pedro Antônio de Miranda, passava a limpo fatos da semana finda. Já no campo da literatura, o exemplo, solitário, fica com “Escutem!”²⁷, subscrito por um pseudônimo, Demócrito, que pode a tudo encarar, mesmo figuras controversas em suas ações radicais e extremas, como Nero²⁸ ou Robespierre²⁹,

27 DEMÓCRITO. Escutem! *O Guaíba*, Porto Alegre, ano 2, n. 35, p. 275-276, 30 ago. 1857.

28 Nero Cláudio César Augusto Germânico nasceu a 15 de dezembro de 37 d.C., em Anzio, na Itália, e morreu a 9 de junho de 68, suicidando-se frente a um golpe de estado iminente. Imperador de Roma entre 54 e 68, sua vida é envolta em escândalos e polêmicas, o que o tornaram célebre ainda em vida e um mito para a posteridade, sendo possível elencar alguns fatos: possível mandante de matricídio; acusado de incendiar Roma; contraiu várias casamentos, inclusive com o jovem Esporo, ao qual castrou; dono de grande popularidade entre as classes mais baixas; amante das artes (canto, poesia, atuação) e dos esportes, participando inclusive de uma Olimpíada.

29 Maximilien-François-Marie-Isidore de Robespierre nasceu a 6 de maio de 1758, Arras, França, e morreu a 28 de julho de 1794, em Paris, na guilhotina. Advogado e político francês, foi uma das personalidades mais importantes da Revolução Francesa.

mas não consegue suportar “uma velha a suspirar”:

Posso ver Nero, o tirano
Reviver e governar;
Posso ver Robespierre
Suas leis inda ditar.

De leões uma coorte
Posso sem medo encarar,
Posso ver lobos famintos
Que me venham devorar.

Posso ver nos elementos
Crua guerra s'atear,
Sem horror hei de ver mesmo
O sol à terra baixar.

Hei de ver sem susto o caos
O Universo retomar,
E deste modo a existência
'Stoicamente findar!!...

Hei de ver o oceano
Todo inteiro s'extinguir,
E pela sede abrasado
Hei de a tudo me sorrir!...

Finalmente posso ver,
Posso tudo suportar...
Não – de zelos ou d'amor –
“*Uma velha a suspirar!!!!!!...*”

A fissura aberta pelo humor no poema de Demócrito ou pela referência à conversa infantil na composição de Zamira do

Controverso, ao mesmo tempo que era defensor de causas vinculadas aos ideais democráticos, liderou, entre 1793 e 1794, o período da Revolução Francesa conhecida como Terror. Nesse período radical, o Comitê de Salvação Pública, formado pelos jacobinos, a pretexto de manter vivos os preceitos de igualdade, liberdade e fraternidade, eliminou opositores políticos pertencentes à nobreza, ao clero e aos girondinos, facção moderada dos revolucionários.

Amaral Lisboa são exemplos, escassos, que aliviam o tom épico e exaltatório da produção aqui analisada, que se notabiliza, em sua maioria, pela utilização de uma linguagem empolada e pela verificação de uma operação mitificadora, dois procedimentos comuns na literatura da época; esses poemas cômico-pueris, todavia, não chegam a contrariar o discurso oficial, embora com o uso de palavras um pouco menos pesadas e ufanas do que os demais. Em geral, nos poemas vistos, tem-se o elogio de ações que se pautam pela violência, pela guerra, pelo trauma e pela opressão, caminho para a monumentalização literária de pessoas entronizadas pela história como personalidades de uma dada nação ou região; não há, assim, escritos que desconstruam os mitos histórico-militares, contrariando uma função social, ideológica e política que a literatura assumiu em muitos momentos – qual seja, a de contestar o estabelecido e ir contra nomes muitas vezes aparentemente cercados de unanimidade, já que citados à exaustão por uma historiografia associada aos “donos do poder”.

Os vultos exaltados pelos periódicos sul-rio-grandenses ou são absolutistas (Napoleão), ou são militares com títulos honoríficos que defenderam o Império em várias batalhas (Barão do Triunfo, Conde de Porto Alegre, Marquês do Herval), ou são maragatos, em geral defensores da Monarquia (Gaspar Barreto, Saldanha da Gama). Exceção é Tiradentes, que com sua figura simbolizaria o avanço, naquele momento, em direção ao regime republicano, via democrática que os países do Ocidente estavam trilhando, ao longo do século XIX, especialmente depois do advento da Revolução Francesa.

A apologia a personalidades que defendiam um regime de governo que se sustentava pela centralização de poder, pela falta de direitos e pela escravidão vai de encontro ao mito de que o Rio Grande do Sul era uma região iminentemente republicana, disseminado pela ideia de que a Revolução Farroupilha tinha defendido valores igualitários e possuía objetivos separatistas em relação às imposições comerciais e políticas da Corte. Na verdade, a face imperial da literatura sul-rio-grandense, desnudada nesses poemas acima comentados, é pouco aventada por historiadores e críticos, que sempre realçam uma produção poética e narrativa

que demarca o gaúcho como um indivíduo que luta, acima de tudo, pela liberdade, sendo, então, por extensão, um republicano, pensando-se na delimitação ideológica da época.